

CRIAÇÕES



CRIA
Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia



Foto 1 - Barca baleeira *Wanderer* (s.d.) - New Bedford Whaling Museum

**A PARTIR DE UMA ENTREVISTA DE
EDUARDA ROVISCO (CRIA-ISCTE) A
CARMO DAUN E LORENA (CRIA-NOVA
FCSH)**

ABRIL 2024

WHAlands

A PARTIR DE UMA ENTREVISTA DE
EDUARDA ROVISCO (CRIA-ISCTE) A
CARMO DAUN E LORENA (CRIA-NOVA
FCSH)

WHAlands – Whaling Heritage in the Atlantic islands: America, the Azores and Cape Verde entangled by the sea (19th-21st centuries) é um projeto de Carmo Daun e Lorena, financiado pela FCT¹, centrado na memória social, património, identidades e mobilidades no contexto da baleação atlântica. Neste número do CRIAções, conversamos com a investigadora sobre a baleação americana do século XIX, que envolveu açorianos e cabo-verdianos, e sobre os legados desse passado.

¹ E cujo DOI está disponível em: <https://doi.org/10.54499/2022.08152.CEECIND/CP1758/CT0002>.

[org/10.54499/2022.08152.CEECIND/CP1758/CT0002](https://doi.org/10.54499/2022.08152.CEECIND/CP1758/CT0002).

Eduarda Rovisco (ER): Este teu projeto ganhou o Concurso de Estímulo ao Emprego Científico (CEEC) o que é um feito nos tempos que correm.

Carmo Daun e Lorena (CDL): A precariedade científica é, de facto, uma praga. Eu candidatei-me quatro vezes a este concurso. Estive quatro anos à espera de poder dedicar-me a este projeto a tempo inteiro. Há uma certa dose de aleatoriedade no concurso. Temos de assumir isso e refletir sobre o que isto significa. Mas dito isto, estou muito satisfeita por finalmente conseguir levar a cabo este projeto.

Oficialmente, no CRIA, o projeto começou há um ano mas, na verdade, este é um projeto que eu já acalento há cinco anos e a que me dediquei paralelamente a outras atividades. Uma carolice minha, mas uma carolice que eu sabia que tinha pernas para andar. Mantive essa convicção e foi isso que me fez candidatar quatro vezes ao CEEC. Eu acreditava no potencial do projeto, independentemente da aprovação final ou das recusas anteriores. As avaliações da FCT devem ser relativizadas.

ER: Portanto, aconselhas a não desistir.

CDL: Não dou conselhos porque isso depende da vida das pessoas, mas acho que não se deve desistir à primeira ou à segunda tentativa. Por outro lado, percebo o cansaço e percebo que se atire a toalha ao chão e se diga: «não estou para isto!»

“Estar confinado nessas condições durante quatro anos, a fazer os trabalhos que a baleação implicava (matar baleias e outros cetáceos, esquartejá-los, desmanchá-los, derretê-los, transformá-los em óleo) era mesmo muito duro.”

ER: Quais são os objetivos do *WHALands*?

CDL: Este projeto nasceu do meu trabalho em Cabo Verde. Já no doutoramento eu tinha feito essa retrospectiva, não só cronológica, mas também metodológica, da pesquisa em arquivo, e não concebo sequer a Antropologia sem a História. O *WHALands* tem duas grandes linhas de pesquisa. Uma mais historiográfica, que pretende fazer uma história social dos baleeiros açorianos e cabo-verdianos durante o século XIX e início do século XX. E uma mais etnográfica, que tem a ver com a forma como esse passado baleeiro alimenta hoje os usos do património e da patrimonialização. Na fase historiográfica, a que estou agora exclusivamente dedicada, vou explorar vários arquivos em

Lisboa, Açores, Cabo Verde e EUA, e o objetivo é cruzar várias informações arquivísticas, desde documentação oficial e institucional a espólios privados, *logbooks*... Já foram feitos muitos trabalhos sobre a história da baleação americana, mas nunca foi feito um trabalho multi-situado, que cruzasse diversa documentação e fundos arquivísticos. Esta triangulação, geográfica e arquivística, pode permitir dar um salto.

A ideia de partida é que os baleeiros açorianos e cabo-verdianos embarcavam nesses navios americanos dada a miséria e a penúria em que viviam nos seus arquipélagos. Era o que motivava esses homens e rapazes imberbes a embarcar nessa aventura. A viagem baleeira podia durar três a quatro anos! Estamos a falar de viagens longas e muito duras. Um barco é um universo muito particular e estar confinado nessas condições durante quatro anos, a fazer os trabalhos que a baleação implicava (matar baleias e outros cetáceos, esquarterá-los, desmanchá-los, derretê-los, transformá-los em óleo) era mesmo muito duro.



Foto 2 - Trabalho a bordo de um navio baleeiro (s.d.) - New Bedford Whaling Museum

Esses açorianos e cabo-verdianos embarcavam como *Portuguese*, e como sabemos, entre eles há diferenças culturais muito grandes. No entanto, para os americanos eram um coletivo. O que quero ver é, desde logo, essa diferença. O navio baleeiro já era, por si, um microcosmos de uma diversidade cultural enorme porque embarcavam pessoas de outros lugares do mundo. Mas era a condição de miséria que obrigava os ilhéus a embarcar e que os colocava, pela primeira vez, perante «outros», estrangeiros e portugueses. Isto faz-nos pensar imediatamente sobre classificações de nação, classificações raciais e processos de formação identitária. E, se é verdade que eles embarcavam como *green hands*, também é verdade que, no final do século XIX, muitos conseguiram ascender a altas posições hierárquicas. Chegam a capitães, são proprietários de navios, têm os seus próprios negócios baleeiros. Há uma mobilidade social ascendente que parece contraditória com a posição social de partida. Havia até um termo depreciativo, «*Gees*», que é uma corruptela de *Portuguese*. A mobilidade geográfica dos baleeiros portugueses é, assim, uma mobilidade social e cultural, porque houve, de facto, uma diversidade cultural enorme nos navios baleeiros americanos e nos vários portos onde paravam. Mas esta mobilidade também levou a processos de imobilidade, de enraizamento.

Toda a migração açoriana e cabo-verdiana para os Estados Unidos, onde estão as maiores comunidades do mundo oriundas destes dois arquipélagos, começou

“Toda a migração açoriana e cabo-verdiana para os Estados Unidos, onde estão as maiores comunidades do mundo oriundas destes dois arquipélagos, começou nestas viagens a bordo dos navios baleeiros.”

nestas viagens a bordo dos navios baleeiros. Estas mobilidades geraram enraizamentos noutras terras e também nas terras de origem. Por outro lado, também conseguimos perceber como as identidades são relativas. Isso observa-se na documentação, nas listas de tripulantes com descrições fenotípicas, onde encontramos açorianos classificados como *dark* e cabo-verdianos classificados como *light*. Todas estas classificações são relativas e mutantes, como as identidades. Sem dúvida que o que se passou no século XIX influenciou o que se passa hoje. As comunidades cabo-verdianas e açorianas nos EUA estão completamente afastadas. No entanto, estiveram juntas nos navios baleeiros durante mais de um século.



Foto 3 - Capitão açoriano Antone T. Edwards e tripulação na barca *Wanderer* (1924) - New Bedford Whaling Museum

E quando falamos de migrações, tendemos a ver as coisas como um processo que tem um ponto de partida e um ponto de chegada. Mas, como sabemos, há muitos ricochetes e circularidades. Isto é um aspecto muito importante nos baleeiros açorianos e cabo-verdianos porque eles conseguiram com a sua ascensão social comprar

barcos. Transformaram muitos navios baleeiros obsoletos em navios de carga e passageiros para as ilhas. A experiência baleeira permitiu-lhes estabelecer pontes com as suas ilhas, permitiu que outros ilhéus emigrassem também e que eles próprios regressassem às ilhas. Estas circulações regionais estão mais escondidas na História, mas fomentaram esta conexão entre os arquipélagos e a Nova Inglaterra. E estas conexões foram mantidas por pessoas. Muitas vezes, temos tendência a olhar para macro-processos e esvaziá-los das pessoas. E o que tento fazer no *WHALands* é, precisamente, inscrever esta história micro e local numa história macro e global.

“A história baleeira açoriana é muito complexa. Quando se conta a história regional, da baleação costeira açoriana, desligada do contexto americano e de Cabo Verde, estamos a contar uma parcela da história que precisa das outras partes para ser compreendida. E o património muitas vezes tem este enviesamento regional ou local.”

Aqui, em Portugal continental, não há muito conhecimento sobre este passado baleeiro, mas se formos para os Açores, esta história é central, embora contada de outra forma. A narrativa do património baleeiro conta-nos uma história local e regional da baleação no século XX, esquecendo-se deste passado mais recuado, que fica por contar. Isto faz pensar na narrativa seletiva da patrimonialização. O património tem fomentado uma memória coletiva celebratória, uma memória de glória. Mas antes dessa baleação costeira dos Açores no século XX, houve uma baleação pelágica feita por ingleses, americanos e outros. E quando passamos da escala macro para a escala micro, surgem as questões: como é que estas pessoas se relacionavam, com os norte-americanos e entre si? Como se formou este coletivo, heterogéneo, dos *Portuguese*? As noções de raça e de classe estão muito presentes na história baleeira e ajudam-nos a ver mais para trás e mais fundo.

ER: Pensando em Cabo Verde, essa história é muito importante. Aliás, a própria vida do Eugénio Tavares, considerado o patrono da cultura cabo-verdiana, espelhou essa relação com os EUA.

CDL: Sim, sem dúvida. Falando da segunda fase do projeto, que tem a ver com memória social e património, este é um projeto com alguma ambição transnacional e de história global, mas enquanto antropólogos, não devemos perder esse fito de irmos ao micro, ao detalhe. A poesia e a literatura fazem parte desse nível micro. Nos Açores, a baleação

costeira, feita por açorianos e para açorianos, foi tão forte do ponto de vista económico e identitário que, obviamente, inspirou muita literatura. Em Cabo Verde não tanto. Mas pessoas como Eugénio Tavares escreveram sobre esse passado das baleeiras americanas do século XIX. O próprio Baltasar Lopes, no seu icónico livro *Chiquinho*, tem várias alusões ao embarque a salto nas baleeiras americanas. Essa emigração clandestina nas baleeiras é muito importante. Passar uma fronteira é difícil, tu sabes muito bem disto, mas sair de uma ilha, em que a fronteira é o mar...

De facto, os dois arquipélagos eram muito importantes para os navios baleeiros americanos, até por uma questão de refresco, de aguada. As embarcações saíam da Nova Inglaterra e a primeira paragem que faziam era nos Açores. E, nalguns casos, paravam várias vezes nos Açores, porque, para além da aguada, fazia-se também aí a descarga de mercadoria, do óleo, que ia para os EUA noutros barcos, enquanto as baleeiras continuavam no mar.

“O mar é também um dispositivo epistemológico de abertura para percebermos que temos de ter uma visão mais ampla. Não podemos estudar a baleação açoriana, olhando só para os Açores, nem as identidades de cabo-verdianos, olhando só para Cabo Verde. É este jogo de espelhos que nos dá outro alcance para falarmos de migrações, identidades, património, memória.”

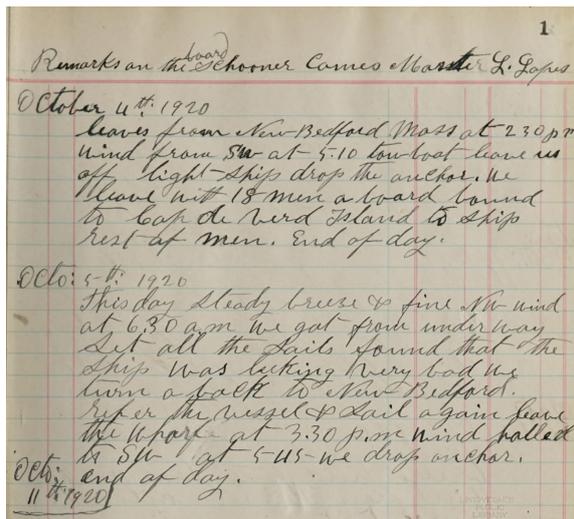


Foto 4 - Excerto do *logbook* da escuna *Cameo*, relativo a uma viagem comandada pelo capitão cabo-verdiano Louis M. Lopes (1920) - Providence Public Library

A hegemonia portuguesa no final da baleação americana é incrível. Às tantas, são eles que dominam completamente. Essa transformação de sujeitos vulneráveis em sujeitos com capital económico e simbólico é crucial. Essa transformação social extraordinária, que se dá no século XIX, abre portas para outras vagas migratórias e para outras identidades.

Voltando ao património, se formos à Nova Inglaterra, nomeadamente a New Bedford, que era a capital baleeira no século XIX, temos um dos maiores museus de baleação do mundo. E as pessoas daquela região conhecem minimamente esse passado. Nos Açores, também. Aqui no continente, este passado não é tão conhecido, o que também nos faz pensar nas políticas públicas do património. Hoje, nos Açores, o *whale watching* é um dos atrativos turísticos, as fábricas e armazéns foram transformados em museus. Há regatas em botes baleeiros. A baleia é um símbolo dos Açores.

Entramos em qualquer lugar e há uma imagem de um cachalote. É a emblematização da baleação. E o passado é contado consoante o que se quer apresentar ou vender. É a patrimonialização também é uma reivindicação identitária. A história baleeira açoriana é muito complexa. Quando se conta a história regional, da baleação costeira açoriana, desligada do contexto americano e de Cabo Verde, estamos a contar uma parcela da história que precisa das outras partes para ser compreendida. E o património muitas vezes tem este enviesamento regional ou local.

ER: Sim, e às vezes nem se fala da história da baleação no arquipélago, mas apenas em ilhas específicas como o Pico e o Faial, nos Açores, ou talvez a Brava, no caso de Cabo Verde.

CDL: A patrimonialização da baleação em Cabo Verde ainda é muito incipiente. Nos Açores, a coisa está muito mais instalada, desde os anos 1980, desde o fim da baleação. E se é verdade que há uma tónica no Pico e no Faial, há cada vez mais apologistas de que se deve alargar este património baleeiro. Nos Açores, temos o Museu da Indústria Baleeira, o Museu dos Baleeiros, ambos no Pico, e ainda o Museu da Fábrica da Baleia de Porto Pim, no Faial, e o Museu da Fábrica da Baleia do Boqueirão, nas Flores. E há ainda a antiga fábrica da baleia SIBIL, também no Pico, que hoje é o Centro de Artes e de Ciências do Mar. Mas em todas as ilhas houve baleeiros.

Tenho um projeto que está agora a arrancar, com o Governo Regional dos Açores, que nasceu do *WHAlands*. Chama-se ADBA - Arquivo

Documental da Baleação Açoriana, e pretende fazer um levantamento de toda a documentação arquivística relativa à baleação regional nos séculos XIX e XX e disponibilizar esta documentação numa base de dados. Vai arrancar com os três arquivos regionais (em Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta), mas o ADBA alargará essa pesquisa também aos museus, que têm o seu próprio arquivo. A rede de museus e arquivos dos Açores é extraordinária e tem coleções incríveis. Também já comecei a fazer um levantamento da imprensa regional do século XIX que é riquíssima. Enfim, há todo um mundo de documentos. E voltando à divisão entre património material e imaterial. O arquivo é o quê? Tendemos a pensar que o arquivo é um património material, mas as histórias que os arquivos nos contam vão além da sua materialidade. E essas histórias também são parciais, temos de cruzá-las com outras histórias.

O que se pretende com o *WHAlands* é que, ao fazer pesquisa nos EUA, em Lisboa, Açores e Cabo Verde, seja possível, no futuro, congregar tudo num arquivo da baleação, um arquivo regional, nacional e internacional. É este romper de fronteiras que eu penso que o mar, e a baleação em concreto, permitem. O mar é também um dispositivo epistemológico de abertura para percebermos que temos de ter uma visão mais ampla. Não podemos estudar a baleação açoriana, olhando só para os Açores, nem as identidades de cabo-verdianos, olhando só para Cabo Verde. É este jogo de espelhos que nos dá outro alcance para falarmos de migrações, identidades, património, memória.

ER: O projeto começou há um ano e já estiveste nos EUA, Açores e Cabo Verde. Parece-me um trabalho colossal.

CDL: Em rigor, eu pesquisei dois arquivos nos Açores antes de o projeto começar oficialmente. Aliás, eu estava a fazer pesquisa arquivística nos Açores quando recebi a boa notícia da FCT. Neste último mês, estive no Arquivo Nacional de Cabo Verde. Em março, sigo para os Açores. Sim, é muito trabalho e há muito por desbravar. Houvesse mais recursos financeiros e humanos, e este projeto podia bem ser um projeto de investigação coletivo, com uma equipa, de antropólogos e historiadores, espalhada pelos vários países e regiões deste Atlântico baleeiro.

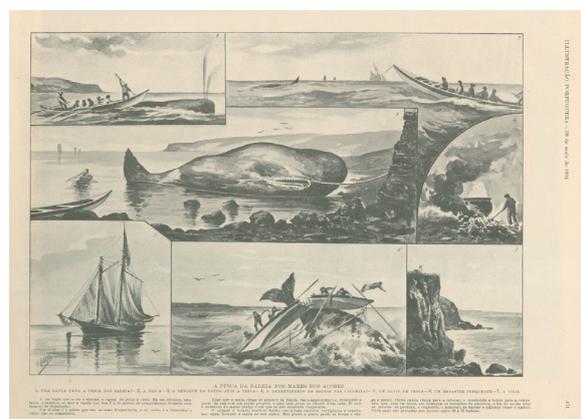
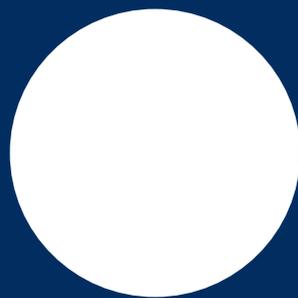


Foto 5 - «A pesca da baleia nos mares dos Açores», *Ilustração Portuguesa* Nº 30, 30 de Maio de 1904 - Hemeroteca Digital





CRIAÇÕES É UMA PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA DO CRIA E CONTA COM A COLABORAÇÃO DE CARLOS MOREIRA, DOUGLAS SANTOS, EDUARDA ROVISCO, ISABEL MARÇANO, LAURA ALMODOVAR, JOANA MARTINS, JOANA VIDAL MAIA, MAFALDA MELO SOUSA, SÓNIA MOTA RIBEIRO, VANESSA IGLÉSIAS AMORIM E VERA AZEVEDO.